

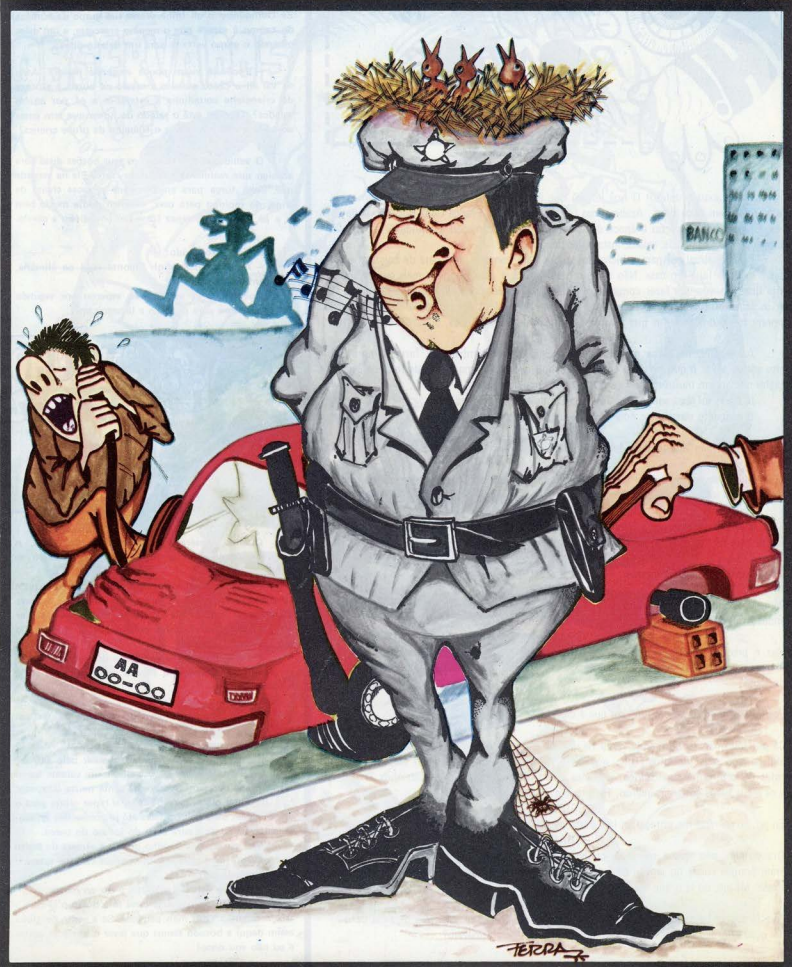
1974 OUT 1974

OS RIDÍCULOS

Nº 203 — 19-9-74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO — 5100





Ora acabou o defeso! O quê julgam que é o defeso do futebol? Ná!!!! Nem o da caça às rotas nem nada disso. Acabou mas foi o defeso que a França tinha posto à venda de armas. E agora que começou a época dos saldos, a França começou a liquidar a sua secção de armas de guerra. Misseis, aviões, instalações de radar, etc.

Para já, Israel foi para a bicha dos saldos para comprar uma data de coisas que lhe estavam lá fazer falta em casa. Não é muita coisa: porque para as coisas mais importantes, eles já disseram que iam fazer compras aos Grandes Armazens Americanos, que são como se sabe os seus fornecedores habituais e até lhes fiam tudo. Nos Armazens Parisienses eles só compram miudezas, daquelas que são sempre precisas: uns aviõezitos, ou coisas semelhantes.

Atrás dele, na bicha meteu-se logo o Egipto, que também vai fazer compras. O Egipto esteve a ver o que tinha na dispensa e achou que havia uma tremenda falta de aviões, daqueles que andam muito depressa e lavam muito mais branco.

Por isso foi logo encomendar meio cento deles, para as vindimas.

E enquanto estavam os dois na bicha, tiveram a seguinte conversa:

- EGIPTO
— Olá vizinho. Então veio também fazer compras?
ISRAEL
— É verdade, vizinho. Ouvi dizer que esta loja tinha feito obras, e mudado de gerência, e que tinha agora um sortido novo de utilidades...
EGIPTO
— Bom, a verdade é que a loja nunca esteve fechada. Sabe, o antigo dono é que era muito esquisito com os fregueses...
ISRAEL
— Capitalistas! São todos o mesmo...
EGIPTO
— Bem, o vizinho não pode queixar-se muito: não costumava fazer as suas compras nos Grandes Armazens da América? Olhe que se estes são capitalistas...
ISRAEL
— Mas é preciso distinguir, vizinho: há capitalistas e capitalistas. Os donos dos Grandes Armazens da América vendem caro, mas dão-nos muitas facilidades, e isso é muito importante.
EGIPTO
— Pois é. Mas também levam um juro que é de arrancar coiro e cabelo!
ISRAEL
— Cá por mim não tenho grande razão de queixa. E depois o vizinho não queira comparar a qualidade dos seus produtos. Olhe que eu ainda no princípio deste ano compreí lá uns pacotes de detergente supersônico, daqueles que traziam dentro uns aviõezinhos Phanton, que os meus filhos gostaram imenso. Fartaram-se de brincar com eles!
EGIPTO
— Eu sei, eu sei. Até me estragaram lá a parte de trás do quintal todot!
ISRAEL
— Ora vizinho, não leve a mal. São crianças. Não se esqueça que os miúdos também me fizeram bonitas coisas no jardim da frente, a brincarem com aqueles papagaiozitos de corda franceses Mirage, ou lá o que era...
EGIPTO
— Pois é, são crianças e a gente tem que lhes desculpar essas coisas. Mas diga-me cá uma coisa: o vizinho não costumava dar-se mal com o dono deste armazém?

Ora como todos vocês sabem, naquela quente tarde dum Agosto serodio seguiram pela estrada fora um velho, um rapaz e um burro.

lá o velho a cavalo no burro e o rapaz seguia um pouco atrás, a assobiar muito contente, porque aproveitava a viagem para ir apanhando amoras na beira dos valados.

Eis senão quando à porta duma tabernita que o Zé Quinquilheiro ali tinha estava um grupo de homens do campo à espera que o menino crescesse, e um deles olhando o grupo volta-se para um deles e disse:

— Vocês já viram pouca vergonha maior? Atéão na vai ali o Chico moleiro a cavalo no burro, e a prove da crienciinha cotadinha a estafar-se a pé por aqueles valados? Que tal está o safado do home que tem passa do toda a vida a explorar o trabalho da prove ciência?

O velho ouviu, e lá com os seus botões disse para consigo que realmente não estava certo. Ele na verdade que tinha força para alancar com as sacas cheias de trigo, do moinho para casa, também podia muito bem ir a pé, para que o rapaz fosse um bocadinho a cavalo.

E disse p'ró miúdo:

— Anda cá diabinho! Amonta aqui na alimária, que já me dói o cu!

Apeou-se e o miúdo não esperou por segundo convito. Saltou para o gerico e lá seguiram.



Quando passaram ao pé da bica da aldeia, as mulheres começaram a falar enquanto enchiam as bilhas:

— Olha o diabinho do rapaz um matulão daquele tamanho, a cavalo num gerico, enquanto que o prove do velho já cansado de trabalhar, vai ali a arrebentar p'las costuras, estafadinho cotadinho! É dianhão! Dá lugar o tó pai, dianhão!

O rapaz ficou envergonhado e desmontou. Durante algum tempo nem ele nem o velho se atreveram a montar o burro.

E o Toino das Couves que estava à ponta da horta e que sempre tinha tido vontade de ter um burro, disse:

— Rais parta a estupidez das pessoas! Atéão na vão ali duas almas esgaradinhas a penar pelo carroiro fora, a pé, estafadinhos do trabalho e um valente burro sem carregue nenhum! Sempre há gente muita estupeda!

O velho olhou para o rapaz, o rapaz olhou para o velho, e sem uma palavra (eles até já conheciam a fábula) saltaram os dois para cima do lombo do burro.

Mas de repente o velho puxou a arreata do burro que estacou imediatamente até porque não lhe estava a agradar aquela parte.

E o velho volta-se para trás e diz ao moço:

— Olha lá ó Joaquim! Leva lá o burro p'ra casa a trás a carrinha Ford mais pequena. Se a gente continua assim daqui a bocado temos que levar o burro às costas e eu não vou, nisso!

NAO TENS A SENSACAO QUE
ESTAMOS A SER
OBSERVADOS

???



VICTOR

FUMOR NEGRO

O GRANDE GOLPE



Jerónimo tinha sido toda a sua vida um falhado. Falhara ao nascer, porque não deveria verdadeiramente ter nascido. Rezam as crônicas familiares que bastante esforços foram até feitos para lhe evitar a ele, Jerónimo o trabalho de passar por este val de lágrimas. Mas o Jerónimo era também um lutador. E isso é que é curioso: que ele sendo dotado dum temperamento tão combativo, nunca tenha realmente triunfado na vida.

A teimosia começou logo no caso do seu nascimento: na realidade ele lutou contra toda a espécie de pilulas e remédios, ataques à traição e picadinhas malandras. E lá nasceu, são como um pero, e à parte das berrarias habituais quando era a hora da comida entrar ou sair, lá ia crescendo bem disposto.

Mas foi sempre um falhado, como lhes disse. Na escola era o bombo da festa, porque todos lhe arreavam. E ele em vez de se fazer pequenino e tentar passar despercebido, ia sempre refilando — e comendo mais. Era a eterna luta da sua vida: ele a refilar e o azar a arrear-lhe.

Quando cresceu a sua sorte não mudou. A sorte caprichava até em virar para o avesso tudo aquilo em que ele se metia. Estudou como um danado, e depois de ter empinado na ponta da língua

as quatrocentas páginas do livro de história, quando chegou ao exame perguntaram-lhe precisamente o que vinha na página quatrocentas e um, que ele julgava que só tinha a palavra FIM.

Como é evidente e os meus amigos estão já a ver, o Jerónimo levou dez anos para fazer o quinto ano, e depois procurou emprego.

Até a sorte foi a mesma. Horas e horas de trabalho a mais, em vez de lhe granjearem a confiança dos patrões, tornaram-no no palerma que faz tudo. E os colegas deixaram de lhe falar porque a sua assiduidade os colocava em cheque.

Mas o Jerónimo tinha fibra. Era teimoso.

Aos trinta anos mal ganhava para comer, mas continuava a ter uma inabalável confiança num futuro brilhante e abastado.

Até que um dia tomou a grande resolução da sua vida. Se era luta que a vida queria, pois ia ter luta. Consciente que a sua vida era um completo falhanço,

sentiu renascer em si o seu velho espírito de teimosia, e decidiu que para ele tanto fazia cumprir rigorosamente as suas obrigações como passar a ser rigorosamente malandro. E para se consolar lembrou que afinal os grandes malandros é que são os mais afortunados.

E o Jerónimo pensou longa e maduramente num golpe mestre que o tirasse para sempre do anónimo falhanço que era a sua vida.

Não iria ser um golpezito qualquer de qualquer gatunozito amador.

O Jerónimo ia dar que falar. Como cá na terra ainda não estava explorado o ramo, imaginou que as suas grandes probabilidades seria assaltar qualquer coisa que ninguém cá esperasse que fosse assaltada.

E muito embora isso já fosse prática corrente no estrangeiro, ele, Jerónimo, iria ser o precursor.

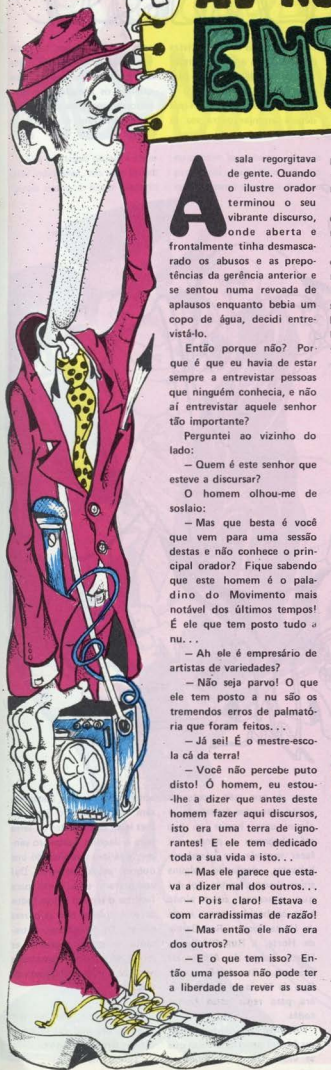
Estava decidido: o Jerónimo iria roubar um avião.

Estão admirados? Não sei porquê! Já lhes disse que o Jerónimo era um tipo de nervo.

Estudou longamente o golpe. Comprou uma pistola de alarme, daquelas que parecem mesmo iguais às verdadeiras. E pensou logo num vôo daqueles que não

Cont. na pág. 10

AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



Asala regorgitava de gente. Quando o ilustre orador terminou o seu vibrante discurso, onde aberta e frontalmente tinha desmascarado os abusos e as prepotências da gerência anterior e se sentou numa revoada de aplausos enquanto bebia um copo de água, decidi entrevistá-lo.

Então porque não? Porque é que eu havia de estar sempre a entrevistar pessoas que ninguém conhece, e não aí a entrevistar aquele senhor tão importante?

Perguntei ao vizinho do lado:

— Quem é este senhor que esteve a discursar?

O homem olhou-me de soslaio:

— Mas que besta é você que vem para uma sessão destas e não conhece o principal orador? Fique sabendo que este homem é o paladino do Movimento mais notável dos últimos tempos! É ele que tem posto tudo a nu...

— Ah ele é empresário de artistas de variedades?

— Não seja parvo! O que ele tem posto a nu são os tremendos erros de palmaria que foram feitos...

— Já seil É o mestre-escola cá da terra!

— Você não percebe puto disto! O homem, eu estou-lhe a dizer que antes deste homem fazer aqui discursos, isto era uma terra de ignorantes! E ele tem dedicado toda a sua vida a isto...

— Mas ele parece que estava a dizer mal dos outros...

— Pois claro! Estava e com carradíssimas de razão!

— Mas então ele não era dos outros?

— E o que tem isso? Então uma pessoa não pode ter a liberdade de rever as suas

próprias opiniões? Então o senhor julga que isto é mais mo é quê?

— Bom eu não compreendo é como é que ele falava no tempo dos outros...

— No tempo dos outros ele discursava e dizia quase a mesma coisa que disse hoje.

Porque fique o senhor a saber: os homens são umas bestas! E já naquele tempo havia muitas bestas! O que valia era que havia pessoas

inteligentes que sabiam mostrar ao povo aquilo que deviam fazer! E isso foi o que este ilustre orador sempre fez!

— Ah, quer dizer: ele é o orador oficial cá do sítio?

— E com muito mérito, fique sabendo! Tanto que nem precisa de preparar os seus discursos. Olhe ainda hoje: a gente cá na terra queria fazer uma sessão solene, fosse lá a que fosse, mas o

que a gente não queria era que houvesse sessões em todas as terras e cá na terra não haver...

— Claro, isso não era lá muito bonito...

— Pois claro. E por isso a gente decidiu fazer esta sessão e claro chamamos logo este nosso ilustre orador e conterrâneo e pedimos-lhe para vir cá hoje discursar...

— E de que tratava a sessão? Sabe, eu não per

O ILUSTRE ORADOR



cebi lá muito bem o que ele queria dizer: toda a gente dava palmas virgula sim, ponto final não, e eu assim a modos que perdi o fio ao que ele estava a dizer...

— Ah isso não interessa! A gente cá não se preocupa com essas ninharias.

— E então como é que as pessoas que cá não estiveram ficaram a saber...

— Ó homem você nem parece que é dos jornais! Isso é com os seus colegas! Eles depois é que fazem a notícia e dizem o que é que se tratou na sessão!

Como o ilustre orador se preparava de novo para discursar, aproveitei o barulho da nova e estrondosa salva de palmas e pirei-me.

OS INTERMEDIÁRIOS

Toda a gente fala dos grandes problemas da agricultura, e apesar disso eu verifico com grande mágoa, que poucos ou nenhuns sabem do que é que estão a falar. Claro que é muito fácil dizer mal: toda a gente sabe dizer mal, e concordo que isso é um desporto que até alivia muito. Mas não resolve nada.

Esta coisa dos intermediários por exemplo. Toda a gente diz mal deles, e no entanto eles são verdadeiramente quem têm dado o maior incremento de todos os tempos à nossa agricultura.

E senão, basta estudarmos um pouco o problema, que imediatamente verificamos a injustiça que tanta e tanta gente faz aos generosos intermediários.

Tomem a batata, por exemplo. Podem tomar a batata, como podiam tomar outra coisa qualquer.

Pensem que lá nos confins da parvânia houve um dia um lavrador que descreveu no quintal uma erva repolhuda a sair da terra, e como tinha tomates para plantar ali, arrancou a erva repolhuda. Atrás da erva afinal veio uma bolinha irregular meio acastanhada, que o lavrador olhou desconfiado. Como a mulher ainda lhe não tinha trazido o almoço (os lavradores por principio nunca saem do pé das coisas que cultivam, com medo que lhas roubem) ele começou distraído a roer

aquilo que tinha na mão, e embora não gostasse muito, como o almoço já estava atrasado acabou por a comer toda.

Os meus illustres leitores já perceberam que se tratava duma batata. E foi daí para a frente que os lavradores se dedicaram a plantar batatas, principalmente aqueles que não tinham tomates.

Ora no fim de algum tempo, como tinham aquelas ervas repolhudas para arrancar, foram também tirando as batatas, e sempre fiéis ao sagrado principio da defesa da agricultura que os impedia de sair dali dos seus campos, não fosse alguém mexer-lhe nos tomates, eles pediram a um vendedor ambulante (já naquele tempo havia muitos) para lhe levar dali as batatas e ver se vendia ao Joaquim Tasqueiro que vendia tudo o que lhe aparecesse, desde ferraduras velhas até bonés de pala.

O vendedor ambulante olhou desconfiado para o monte daquelas bolinhas castanhas e disse ao lavrador que sim senhor, que lhe fazia o jeito. Mas lá com os seus botões jurou que havia de ficar com alguns para uns copos, que aquilo de lancar com aquele carregue só para fazer um favor não era para ele.

E assim foi.

Claro que o que deu ao lavrador, depois de voltar do Joaquim Tasqueiro, foi uma gaita, que o lavrador se entre-

tinha depois a tocar ao enteder, enquanto sempre sentado na horta, via os tomates a crescer.

Ora toda a gente sabe que muitos lavradores acabaram

fusão entre os automobilistas que passaram a ter que andar aos pulos de canteiro para canteiro.

As pessoas que tinham que depois arranjar outra vez as

com toda a justiça foi o tal vendedor ambulante, e todos os seus descendentes, que quando os lavradores se converteram que na cidade não se governavam e valtaram a



DOX O FIEL AMIGO DO SEU CARRO!

o NOVO anti-roubo ELECTRONICO
PATENTE ITALIANA

EFICAZ
contra os "patos"

DOX

Distribuidores Exclusivos:
AUTO ROMA, LDA.
Avenida de Paris, 20 A e 20 B
TELEFONES: 724298 - 721256 - 72 7148 - Lisboa

MONTAGEM RAPIDA

de se chatear de estar sempre ali sozinhos no campo, e quando viram que já tinham tomates para a viagem, decidiram vir para a cidade.

Por cá foram ficando, mas sempre com saudades da terra. E é por isso que de vez enquanto ainda fizeram várias tentativas para semear e plantar coisas do campo nas ruas da cidade. Trabalharam de noite, à supca, e por toda a parte em todas as ruas, ruelas, travessas e becos, foram abrindo covas para ver se conseguiam semear alguma coisa. Claro que a única coisa que conseguiram semear foi a con-

ruas é que não gostavam muito daquelas tentativas, e alguns casos houve em que até chegaram a pensar em fazer vontade aos lavradores lisboetas, plantando nalguns sitios algumas hortas. Foi daí que nasceram sitios ainda hoje conhecidos como a rua da Horta Seca, a Rua Garcia da Horta, a Rua Cidade da Horta, Largo do Antero de Quental, a Rua das Flores e a Rua da Maria da Fonte, que era para regar essas hortas todas.

E felizmente nenhuma dessas hortas progrediu coisa que se visse. Quem progrediu, e

semear nos campos, continuaram a fazer-lhes o jeito de lhes levar os produtos da terra para o Joaquim Tasqueiro vender, e lá iam amalhando uns cobres pelos carregos. Daí compraram uma burra para facilitar o serviço e hoje todos os seus colegas têm as burras cheias. Os lavradores, entretanto, e como mandam as regras, lá continuam sentados nas suas hortas a olhar para os tomates.

Donde se conclui que quando disser mal dos intermediários é muito injusto. Tenho dito.

CONSELHOS DE ECONOMIA

ALGUMAS RECEITAS

Ora no nosso número anterior indicámos, nas suas linhas gerais como o leitor poderia

umentar largamente os seus proventos instalados em sua casa (mesmo que seja de duas

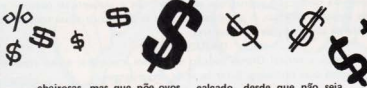
assalhadas corredor e cozinha) uma florescente indústria de criação de milharucos para postura.

Se o fez, já nesta altura tem a casa cheia de milharucuzinhos, que são umas encantadoras criaturinhas mal-

ciso dispor pelo menos de um ovo de galinha, ou na falte dele, só a clara.

Põe-se na frigideira um bocadinho de margarina, mas se não tiver também serve vaselina, brilhantina ou até um bocadinho de pomada para o

fatia de casqueiro e o cheiro da frigideira que também é bom.



-cheirosas, mas que põe ovos à brava.

Tem mesmo já havido casos de milharucos que põem ovos duas vezes por dia, especialmente se estão chatidos e não têm mais nada que fazer.

E muito embora os ovos dos milharucos não sejam muito grandes — na realidade quatro deles cabem numa carica de laranjada — a verdade é que são cheios de vitaminas e considerados óptimos para combater a crise do custo de vida.

Porque a leitora repare: Se empregar quatro deles para estrelar (tem que ter o cuidado de pôr os óculos para não os perder no fundo da frigideira) — e os servir ao seu marido quando ele lhe pedir o jantar, pode ter a certeza que ele fica bem alimentado, porque isto de comer é mais uma convicção que outra coisa, e para todos os efeitos pode dizer-lhe que ele jantou quatro ovos estrelados.

Se ele pedir mais é só ir à gaiola dos milharucos e estrelar mais dois.

Mas é bom não abusar, que é para não ter alguma indigestão, porque como já lhe dissemos os ovos dos milharucos são muito inérgicos.

Uma outra maneira de os cozinhar é em omelete. A receita é muito simples: é pre-

calçado, desde que não seja da mais escura.

Depois atira lá para dentro com o ovo da galinha ou só com a clara, se as coisas lá pela dispensa estiverem escuras.

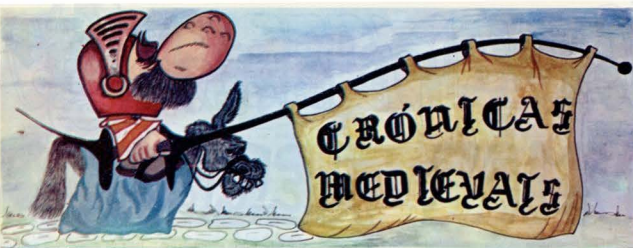
Quando ela começar a parecer toucinho, vai buscar três ovos de milharuco e deita-os dentro. Se vir que a omelete mesmo assim ainda está pequenita para a fome que o seu marido disse que tinha, pode utilizar os ovos de milharuco com cascas e tudo, porque as cascas têm muito cálcio, e até enche mais.

Depois dá-lhe duas voltas, e começa a enrolar, da mesma forma que costuma enrolar o seu marido — perdo! — da mesma forma que o seu marido gosta, isto é levando da direita para as esquerdas, que é o sítio preferido para fazer brilhar os milharucos.

Depois para se dar ares de boa cozinheira, principalmente se o seu marido estiver a ver, atira várias vezes com a omelete ao ar, apanhando-a duas ou três vezes na frigideira.

Claro que se acertar três vezes não tem hipóteses de acertar à quarta. Por isso deve tentar a quarta vez, e quando aquela merda for toda para o chão, varra tudo para o caixote, e de ao seu marido uma





EL-REI

— Senhora D. Briolanja minha muito amada esposa: é mister que vos informe que graves coisas se antolham no nosso futuro!

D.BRIOLANJA

— Que dizeides, senhor? Acaso não se cansou ainda o cruel destino de nos atormentar os reais bofes?

EL-REI

— Não sei, senhora minha. Sei apenas que novas tive que o vergonhoso pasquim publicou a meu respeito aleivosas infâmias. E que como cumpre às pessoas da nossa condição para lavar essa afronta, há-de correr sangue na nossa grei.

D.BRIOLANJA

— E até já começou a correr! Ontem quando vos estava a preparar o real repasto piquei o meu dedo na guelra dum cachucho. E fartou-se de correr sangue.

EL-REI

— Não falo desse sangue que corre nos domésticos misters. Falo no sangue que será derramado no campo da honra e do real desforro.

D.BRIOLANJA

— Mas tende calma, meu esposo e real senhor! Não vos metaiades em cavalarias altas que ainda vos podeides lixar...

EL-REI

— Que linguajar plebeu falaiades, senhora? Acaso me aconselhaiades a que engula as injurias que recebo, eu descendente de guerreiros navegadores, eu que fui o chefe supremo dum glorioso império, eu a quem a História celebrará como já celebrou o mais venerandos dos venerandos?

D.BRIOLANJA

— Não digo que não, meu amo e senhor. Lembro-vos apenas que vivemos em terra estranha e que as gentes desta terra podem ter formas de dizer que não sejam as mesmas do nosso reino...

EL-REI

— Hum... Muito me custaria a crer. Aquilo que esse pasquim escrevia...

D.BRIOLANJA

— Ainda conservais o vosso real bestunio isso que consideraiades aleivosas infâmias?

EL-REI

— Notória e absolutamente que sim! Pois por quem me tomaiades? Por mentecapto?

D.BRIOLANJA

— Que escreveram então, meu esposo e senhor?

EL-REI

— Longas e nebulosas cousas. Mas no meu real totócio ficou gravado a 33 rotações um monte de labéus que nunca olvidarei!

D.BRIOLANJA

— Dizeides, dizeide prestes!

EL-REI

— Olhaique referindo-se à minha real pessoa, a apodavam de cabeça de melão...

D.BRIOLANJA

— Oh!!!

EL-REI

— De mira-tapetes...

D.BRIOLANJA

— Ah!!!

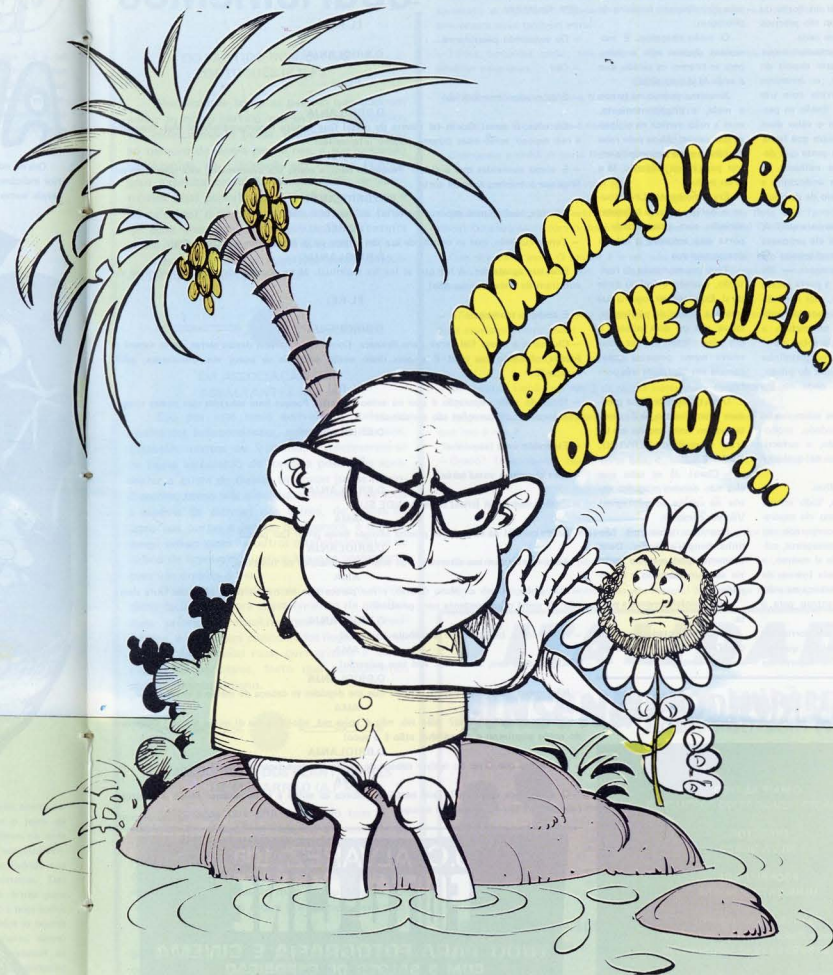
EL-REI

— De corta fitinhas...

D.BRIOLANJA

— Ih!!!

cont. na pág. 10



O GRANDE GOLPE

cont. da pág. 4

despertam suspeitas: uma ida ao Porto ou ao Algarve. Nem são precisos documentos nem nada.

Se lhe perguntassem o que ele pensava fazer depois do avião roubado, o Jeronimo certamente sorriria com um olhar superior. Então os valores dum avião? Não sabiam que havia de haver muita gente que dariam uns bons milhares de contos por um aviãozinho a funcionar e cheio de combustível?

Guiá-lo? Mas para quê? A única coisa que ele precisava era entrar discretamente na cabine de pilotagem — ele bem sabia que a porta estava sempre fechada, mas isso não era problema, porque ninguém estava concertada a exercer vigilância sobre ela — e depois com a sua pistola apontada à caveira do piloto, este iria para onde ele lhe mandasse.

E o plano foi assim cuidadosamente estudado, cronometrado, pesado, e autocriticado na busca de qualquer falha.

Não havia falhas. Naquele dia, tudo correu exatamente como ele esperava. Seguiu incorporado na longa fila dos passageiros, calmo e seguro de si mesmo, a sua pequena mala (menos de dez quilos) a balança na mão displicente, e entrou para o avião.

Mal conteu um sorriso de antecipada vitória quando ocupou um dos lugares da

frente, daqueles onde poderia sem que toda a gente olhasse para ele, dirigir-se à cabine de pilotagem.

O avião descolou. E momentos depois veio o aviso para se tirarem os cintos, que o avião já já bem alto.

Jeronimo pousou no banco a mala, e displicentemente, com a mão metida na algeibreira das calças, olhou pelo rabo do olho e viu a hospedeira entrar para o seu cubículo, lá a ré do avião.

Era o momento. Levantou-se e dirigiu-se para a frente, abrindo com naturalidade a porta que separava a cabine dos passageiros.

Teve um momento de hesitação, quando a fechou atrás de si. Esperava ver logo na sua frente a cabine de pilotagem, talvez um ou dois pilotos e um telegrafista. Em vez disso estava numa pequena antecâmara em "L" com três portas.

Uma delas não tinha qualquer identificação. A da direita, porém tinha escrito em letras vermelhas: **SERVIÇO. NÃO ABRIR.**

— Claro! Já se sabe que eles não deixam ninguém entrar na cabine de pilotagem! Vão ver como é.

Jeronimo sabia que não tinha tempo a perder. Dum momento para o outro poderia ser surpreendido e dominado.

Abriu violentamente a porta.

E foi projectado no espaço. Tinha aberto a porta de saída de emergência.



AS INJURIAS

cont. das centrais

— De senolento paquiderme...

EL-REI

— Oh!

D.BRIOLANJA

— E de orador inconcebível

EL-rei

— Oh céus, ó terra! Quem tal haverá de dizer! Que apodos incompreensíveis! Mas, meu amor e real esposo: serão esses dizeres, mesmo infamantes?

EL-REI

— E como quereides que o saiba? Pensando bem, e como vós dissesteis, este povo tem um linguajar estranho, e de tal sorte...

D.BRIOLANJA

— Olhaide, senhor meu esposo: fez-se luz no meu bestunio!

EL-REI

— Tende cuidado, que as contas da luz são altas e eu já estou com poucas fanfas!

D.BRIOLANJA

— Não vos agasteides. A luz que se fez foi espiritual. Já sei como poderemos descobrir se vos cobriram de aleivosas ou não!

EL-REI

— E como o saberemos?

D.BRIOLANJA

— Chamarei a nossa fiel serva Ama Brazuca. Como ela é natural destas terras, certo saberá se fosteis ofendido ou não! E depois disso então podereis se acaso vos ofenderam, pedir reparação.

EL-REI

— Nisso de pedir reparação é que eu estou indeciso. Porque bem sabeides que nestes tempos que correm, as reparações são caríssimas!

D.BRIOLANJA

— Espereide uma lasquinha!

EL-REI

— Ides chamar a vossa serva?

D.BRIOLANJA

— E já! Ama! AMA BRAZUCA! VINDE SUS!

AMA

— Crédo, sinhá! Já tô aqui! Nã precisa chingar desse jeito! Qui passa?

D.BRIOLANJA

— Ama, queria que me disseses algo sobre os vocábulos da tua terra...

AMA

— Mas sinhá, eu sô di Mato Grosso, e me parece que na minha terra não tem fruta dessa, não! A sinhá n'ão contenta com goiabas?

D.BRIOLANJA

— Não é fruta, boa mulher! Vocábulo é palavra!

AMA

— Ah, palavra tem, sim sinhá. Até tem palavrão!

D.BRIOLANJA

— Não quero saber de palavrão. Quero que me digades se cabeça de melão é coisa má!

AMA

— Cabeça di milão, sinhá? Não siô, não é coisa má, não! Cabeça di milão é bom! Quando é do milão piquinino e riscadinho, atão é o suco!

D.BRIOLANJA

— Não achas que dizer ao senhor cabeça de melão ele deve ficar zangado?

AMA

— O sinhó fica chingado? Que besteira! Cabeça di milão é bom mesmo! Milão é saboroso, cabeça di milão é cabeça boa mesmo!

Cont. na pag. seguinte

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 — 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA" — S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO — LISBOA

J.C. ALVAREZ, Lda
FOTO-CINE
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
COM 5 SALÕES DE EXPOSIÇÃO

R. Sta. JUSTA, 107
(junto ao elevador)



COMUNICADOS

DO PARTIDO ROMÂNTICO PORTUGUÊS (P.R.P.)

Notificam-se todas as pessoas que queiram aderir ao nosso partido, que os nossos princípios são essencialmente puros: propomos o regresso ao namoro da janela para a rua, a transformação na Avenida da Liberdade em Passeio Público com expressa proibição de circulação de automóveis (mas permitindo-se o trânsito de trens e de caleches) e em virtude das constantes faltas de água encanada, a reorganização da extinta classe dos aguadeiros de barril às costas.

Quaisquer outras sugestões serão devidamente consideradas pelo P.R.P.



DA ASSOCIAÇÃO DOS ASSALTANTES (A.L.A.)

São por este meio convidados todos os assaltantes independentes, quer seja de Bancos, Estabelecimentos ou Viaturas, a inscreverem-se na nossa associação de forma a podermos apresentar a quem de direito as nossas justas reivindicações, como seja a imediata proibição de toda a espécie de alarmes nos carros, de grades de ferro nas portas e janelas dos bancos, e do emprego nessas casas e noutros estabelecimentos de vidros de espessura superior à que se possa partir com um simples calhau.

Queremos também que nos sejam concedidas facilidades para abastecimento de gasolina com prioridade absoluta quando dela precisarmos, e que sejam consideradas ilegais as perseguições feitas pelas ruas, com gritaria e incitamento de populares, facto que consideramos absolutamente indigno.



DA ASSOCIAÇÃO DOS PLANTADORES DE MACARRÃO (A.P.M.)

Informa-se que esta associação tem já em depósito as necessárias reservas de semente de todos os tipos de macarrão, incluindo as variedades de macarroneiro seródio, esparguete temporão, e cutvelos virados para a esquerda que, como se sabe, são muito mais produtivos do que os de estirpe antiga e que era torcida para a direita.

Devido às restrições que terão que ser observadas no plantio destas espécies, informa-se também que a variedade conhecida vulgarmente por "manga de capote" será devidamente racionada para divisão equitativa entre todos os plantadores, de forma a evitar que as próximas colheitas sofram qualquer diminuição de tão apreciada espécie.

Cont. da pag. anterior

D.BRIOLANJA

— E se chamam mira-tapetes?

AMA

— Não é mau, não, sinhá. Com certeza o cara que disse isso queria dizer que o sinhô era apreciadiô di tapeçaria! Tapeçaria é coisa rica, só di gente rica! Nós pobre caipira quando tem esteira nova também mira!

EL-REI

— Talvez tenhaides razão, boa mulher. Na verdade muito me apraz admirar a trama das alcáfitas palacianas. . .

D.BRIOLANJA

— Se calhar foi por admirar a trama que vos tramaram. . .

EL-REI

— Talvez, mas isso de corta fitinhas. . .

AMA

— Chamaram o sinhô di corta fitinha? Chamaram mesmo?

D.BRIOLANJA

— Chamaram sim, ama. Será coisa má?

AMA

— Qual má, sinházinha! Corta fitinha é gente qui gosta di festa e di farrá! E é verdade, sinhá! Olhando agora para o sinhô si vê bem que ele é farrista! O siô sabe sambar?

D.BRIOLANJA

— Que disparate, ama! O senhor é o rei, não vos esqueçaides! Não pratica bailados do povo! Só em certas ocasiões é que faz algumas danças palacianas. E uma vez por outra, um minueto. . .

AMA

— Ai sinhá! O sinhô faz isso? Olha que isso sim, que é palavrão! Olha o siô. . . eu nunca teria esse pensamento, não!

EL-REI

— Não teria, nem tem, ouviu, atrevida serva?

AMA

— Mi desculpe, sinhô, isso não é da minha conta: foi a sinhá qui disse!

D.BRIOLANJA

— Adiante! Diz-me só mais uma coisa, ama: achas que o senhor é um orador inconcebível? E que isso é mau?

AMA

— Oradô? Inconcebivo? Isso é coisa boa, é, sinhá! Oradô bom mesmo foi seu Getúlio! Qué milhó?

EL-REI

— Basta, boa serva. Podeides ir.

AMA

— E o sinhô não vai comer mesmo? Eu tava p'ra sai, mas si for preciso. . .

EL-REI

— Deixaide, boa serva. Eu, para mim, hoje cozinho. . .

AMA

— Puxa vida, sinhá, que o sinhô é danado mesmo! Mas comigo não conta, não! Passa bem!

VITALIDADE GINSENG ÚNICO EM PORTUGAL RECEBIDO DIRECTAMENTE DO ORIENTE



O seu interesse pelas mulheres não se perdeu; foi o seu organismo que se enfraqueceu.

É preciso revitalizá-lo. Mas, cuidado: não tome estimulantes, que podem afectar-lhe a saúde e nada resolvem.

Não é uma questão de idade. Recorra a produtos naturais para recuperar o vigor. Nós possuímos a célebre raiz da vida, tão celebrada pelo Padre Jesuita JARTOUX, em 1711, numa carta dirigida ao Procurador-Geral das Missões.

Cada frasco contém 30 gramas de Ginseng de Korea instantâneo granulado. Enviámos pelo correio à cobrança. Pedir literatura explicativa. Se mora em Lisboa telefone para os N.ºs 65 44 34, 65 17 22, 66 97 72.

SARACIL — SOCIEDADE DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL, LDA.

R. Arco do Carvalho, 69, 1.º (Campolide) — Lisboa-1 — Autocarros N.ºs 2, 12, 13, 15, 18, 42 e 51

DELEGAÇÕES:

CACÉM — Ervanária do Cacém — Aqualva — Telefone 294 04 89

COSTA DA CAPARICA — Farmácia Higiénica — Telefone 240 00 20

FUNCHAL — A. J. Mateus Ferreira — Rua dos Tanoeiros, 49 — Telefone 2 47 44

PORTO — Centros de Dietética Popular — Mercado do Bolhão — Telefone 3 11 56

Sempre jovem e vigoroso com GINSENG DE KOREA

I
NÃO NEGUES, CONFESSA
QUE TENS CERTA PENA
QUANDO OUVES CANTAR
A "VILA MORENA". . .

II
PORQUE NA VERDADE. . .
— NÃO BAIXES A VISTA. . .
NO FUNDO, TU ÉS
BASTANTE FASCISTA!



X
FALAVAM, GRITAVAM. . .
NA PONTA DA UNHA!
DESDE O SILVA PAIS
TE AO SILVA CUNHA!



III
POIS EU NÃO GOSTAVA
(PARECE-ME A MIM)
DE ANDAR COMO TU
A ESCONDER-ME ASSIM. . .

IV
DEIXA LÁ, MEU FILHO!
NÃO FOSTE O PRIMEIRO!
OU JÁ TE ESQUECESTE
DO SENHOR TENREIRO?

XI
EU, CLARO, NÃO FALO
EM FASCISTAS SUJOS:
NOS GAJOS DA PIDE
QUE ERAM SÓ SABUJOS:

XII
NEM ERAM FASCISTAS:
ERAM "PARA-RAIOS"!
NOJENTOS DE MERDA,
IMUNDOS LACAIO!

VI
DEPOIS HOUVE MUITOS!
MILHARES. . . MILHÕES!
GENTE SEM IDEIAS
NEM CONVICÇÕES. . .

V
NÃO FOI O PRIMEIRO,
BEM SEI, QUE DEMÓNIO!
O PRIMEIRO FASCISTA,
FOI ELE, O ANTONIO!

XIV
FASCISTAS. . . OS PADRES
QUE LÁ NO SERMÃO
INSULTAM QUEM FAZ
ALFABETIZAÇÃO. . .

XIII
FASCISTAS A SÉRIO,
REPARA, RAPAZ:
TENS UM BOM EXEMPLO:
O VELHO TOMAZ. . .

VII
MAS ISSO QUE IMPORTA!
SABES O QUE EU ACHO?
O QUE ELLES DEFENDIAM
ERA SÓ O TACHO!

VIII
E OLHA QUE FORAM
FASCISTAS TAMBÉM
MILHARES DE MALANDROS
E FILHOS DA MÃE. . .

IX
ENCHIAM A PANCA. . .
TUDO ERA SUBORNO
E O POBRE DO ZÉ
ROIA NUM CORNO. . .



XV
E TANTOS QUE HÁ
A PERDER DE VISTA!
TU JÁ TE ESQUECESTE
DO TAL? DO BAPTISTA?

XVI
E DO QUE FUGIU
COM UM GRANDE POTE?
E PÁ, NÃO TE LEMBRAS?
O TAL RAPAZOTE?



XVII
VÊ LÁ QUE LIMPEZA
FAZIA CÁ FALTA!
VÊ LÁ A MISÉRIA
EM QUE ANDAVA A MALTA!

XVIII
VÊ LÁ DEPOIS DISTO
SE AINDA TENS PENA
QUANDO OUVES CANTAR
A "VILA MORENA". . .



Crónica semanal



por E. DASTIAS

Crónica nortenha e o mais que à rede venha...

SER COMO DEVE

Sinto-me feliz — confesso-o — quando as coisas são como devem ser e decorrem e acabam de acordo com o previsível, o razoável, o justo.

Tomem-se, para exemplo, o caso de Yazalde, que, afinal, não ingressou no Boa-Vista, fechando, antes, novo contrato com o Sporting de João Rocha.

Correcto: está bem que um banqueiro faça GATO-SAPATO do cidadão como — mas nunca de um... BOTA-DE-OURO!

E veja-se também a posição oficialmente tomada pelo F.C.Porto CONTRA o famigerado pretendido ex-alargamento da primeira Divisão. Igalmente tudo certo: pois se com o actual número de concorrentes já vem sendo tão difícil à sua equipa conquistar um lugar de honra (já sei, já sei pode ser que seja desta!...



AMAR COMO ÍNDIOS

Em seguida a "queixas da imprensa local acerca da prisão de namorados" apanhados a manifestar o seu amor, o Comandante da Polícia da cidade Brasileira de Aracaju, no Nordeste, marcou-lhes "oitocentos metros de praia, devidamente guardados", para que passem a fazer-lo "sossadamente".

O jovens parzinhos num CERCADO, como os antigos judeus nos "GHETOS" ou os actuais

índios nas RESERVAS? Porque não?

Evita-se assim o incómodo e o escândalo públicos dos seus actos provocatórios, debilitantes e anti-naturais. E a boa gente de Aracaju, com o seu zelo e estimável policia-mor à frente, vai sem dúvida poder circular pelas suas ruas e dormir nas suas camas com outra tranquilidade.

Pessoalmente, não quero calar o orgulho que sinto por esta medida verdadeiramente inteligente e revolucionária ter sido tomada pela primeira vez, em autêntica ESTREIA MUNDIAL, num grande país de língua portuguesa.



FALAR COM GENTE

Entre as diversas referências com que, antes da sua recente realização em Braga, a R.T.P. justamente distinguiu a importante "AGRO 74" (a VII Exposição-Feira Agrícola do Norte), contou-se uma entrevista no Tele-Jornal em cujo decurso o entrevistado disse, a certa altura, que a presença dos expositores se inseria perfeitamente "na FILOSOFIA da Feira" e que os homens da organização estavam largamente abertos aos que pela primeira vez nela quizessem participar, embora, é claro, sempre "ACARICIANDO" quem o fazia tradicionalmente.

Seria caso para pensar numa Feira bem ESQUISITA (pela "filosofia" e pelo "resto"...), se não fosse perceber-se que apenas se tratou da velha e ainda não curada MANIA de, em público, não falarmos senão "difícil" e "caro"!...

Ora (exemplificando) "de forma nenhuma se

afigura lícito que na presente conjuntura, em que as opções colectivamente já assumidas têm de reputar-se irrecusáveis e irreversíveis também a nível pessoal, quem quer que seja prósiga, através de redundâncias gongóricas ou tecnocráticas, uma política de anti-económica e anti-popular utilização comunicativa do arsenal vocabular".

Isto é ("traduzo"): VAMOS LÁ A DEIXAR-NOS DE PALEIOS...



OSSOS COMO PAGA

Denunciando de forma incisiva — como é próprio da profissão — as deficientes condições de higiene em que trabalham e a baixa remuneração que auferem, estiveram em greve os magarefes.

Foi oficialmente ordenado um inquérito. Mas assim à primeira vista não parece, de facto, justo que a quem nos trata da CARNE caibam sobretudo — OSSOS.



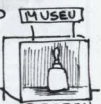
ORA CONTE-NOS... O QUE PENSA DO AUMENTO DE PREÇO DO LEITE

SOBRE O PREÇO DE QUÊ?
NÃO ME LIXEM É COM O VINHO!
Hic!... Hic!... Hic!

À BÉBADO

AHH!... É A AUMENTAR O LEITE QUE SE DESINTOXICA O PAGODE?

OPERÁRIO MUSEU FABRIL



BIBERON SERVA PARA AMAMENTAR CRIANÇINHAS NO TEMPO QUE SE MUNGIAM AS VACAS

ESTA MALDITA CONCORRÊNCIA DESLEAL DAS VACAS!

EU NÃO PENSO NADA SÓ SEI QUE CONTINUAM A APALPAR-ME AS MAMAS DE BORLA!!



AI O LEITE AUMENTOU? NÃO NOTEI NADA SÓ SE AS VACAS ANDAM A ALDRABAR.

QUERO LEITE!



AMA

AGRICULTOR

rebola bola



É claro, eu já sei que isto vai atrazado: mas não se esqueçam, meus ilustres amigos, que nos grandes problemas, todos falam e atiram para o ar com as suas razões, e só depois, só no fim, quando já o rescaldo está a apagar as canas dos últimos foguetes é que surge a opinião doutra e abalizada de quem sabe.

Que — como se sabe — é a minha.

E não há mais conversa.

E aquilo que eu tenho a dizer é a minha firme convicção de que o nosso futebol perdeu agora à pouco tempo a grande oportunidade de ser celebre no mundo inteiro. Sim senhor, no mundo inteiro! O quê? Julgam que é por causa do Eusébio ou do Cubillas, ou mesmo do Yazalde? Nem pensem nisso. Ora sigam com atenção o meu raciocínio, e vejam que fantástica ocasião nós perdemos!

Toda a gente sabe que isto do futebol arrasta tantos interesses e tantas multidões, pela simples razão da bola ser redonda. Porque não me venham cá com cantigas que os grandes ganham sempre: não senhor. Não ganham às vezes nem para o tabaco.

Seja como for, quantas quantas vezes o totobola tem feito milionários precisamente porque toda a gente está à espera que o Benfica ganhe ao Tramagalense ou que o Sporting ganhe por larga margem ao Píruças Sport Clube, e ao fim e ao cabo verifica-se que a bola é redondinha se escapou maldosamente em zig-zague, e desfeiteou os grandes. Não é? Claro que toda a gente o sabe. Ora agora vocês pensem o

que seria se as incertezas do jogo fossem feitas em duplicado. Já pensaram? Já pensaram que o campeonato começava e os clubes iam ganhando ou perdendo, mas sempre sob a reserva de ser confirmado um acordão, ou de ser dado provimento a um recurso: e quando o recurso fosse negado, ainda se podia reclamar para outra instância qualquer, e assim sucessivamente.

Claro que quando se chegasse ao fim do campeonato juntavam-se todos os recursos ainda não julgados, punham-se dum lado todos os pontos que os clubes tinham ganho (sob reserva) e do outro todos os que tinham perdido (também sob reserva) e entrava tudo num totobola gigante com prémios de fazer tremer o grande capital e com o generoso e amável auxílio da Santa Casa da Misericórdia, fazia-se uma lotaria final de resultados, onde houvesse prémios de primeira mão, de segunda mão, das várias divisões, de vitórias com recurso e vitórias sem recurso, de acordões empatados e de resoluções derrotadas, e toda uma lista de posições que para acertar nelas não era qualquer miserável "treze" que se ganhava: tinha que se acertar para aí em noventa e tal resultados diferentes.

Isso é que era jogo!

Afinal tudo isso se perdeu: agora o campeonato volta a ser aquela pasmaceira que todos sabemos e conhecemos. Que chatice. Bom mas de qualquer maneira, vocês já sabem quais são as equipas para o jogo de domingo? É que a bola, afinal de contas, continua a rebolar.

GRANDES INTERNACIONAIS PONTOS

cont. da pág. 2

ISRAEL

Bom isso foram catrurices do antigo dono. Sabe, era casmurro como sei lá o quê! Meteu-lhe na cabeça que não havia de me vender nada, e olhe que nem era por causa do dinheiro. Duma vez cheguei a ir lá comprar-lhe umas coisas, e até lhe deixei lá o dinheiro. Pois imagine que o velho ficou-me com a massa, e nunca me mandou as coisas que eu tinha comprado.

EGIPTO

— Não há direito! Olhe eu se fosse a si, nunca mais cá punha os pés. A mim quem m'as faz, paga-mas!

ISRAEL

— Ora, ora, não diga isso, vizinho! Então o vizinho também não costumava ser freguez dos Grandes Armazens da Sibéria? E também não deixou de lá comprar?

EGIPTO

— Isso é por outras razões. E nem sequer é por minha causa. É principalmente pelas ofensas que eles fizeram aos meus primos. Esses também têm a mania que lá porque nos vendem coisas, há-de nos dizer onde é que havemos de as pôr, e com quem é que os miudos hão-de brincar, e se nós dizemos que não, começam logo com conselhos e mais conselhos.

ISRAEL

— Ah, então por isso é que o vizinho veio agora a esta loja...

EGIPTO

— Bom, os donos dos Grandes Armazens da Sibéria não se pode dizer que sejam capitalistas! Pelo menos eles dizem...

ISRAEL

— Ora! Cantigast têm dinheiro, não têm? Vendem coisas aos outros, não vendem? Emprestam a juro, não emprestam? Querem mandar em todos, não querem? Então o que são?

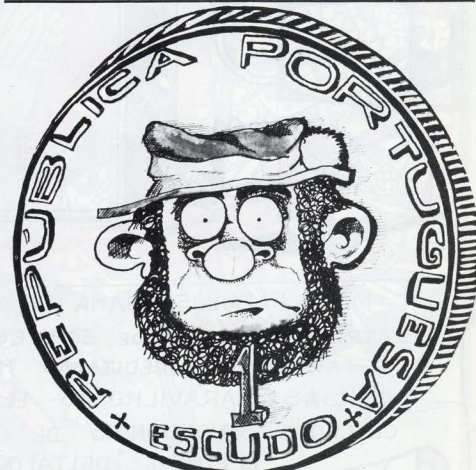
EGIPTO

— Olhe, vizinho, o que faz falar, sabe o que é? É a inveja! Eu nem sei porque é que lhe estou aqui a dar trela!

ISRAEL

— Pois não dá, que ninguém lhe pede. E quem começou a conversa foi você. Ora chegue-se para lá, que eu estou primeiro.

Faz favor ó senhor empregado: avia-me já meio cento daqueles Mirages número 3 e duas caixas de ameixas das boas. E pese-me isso bem pesado, que é para eu continuar a ser freguez!

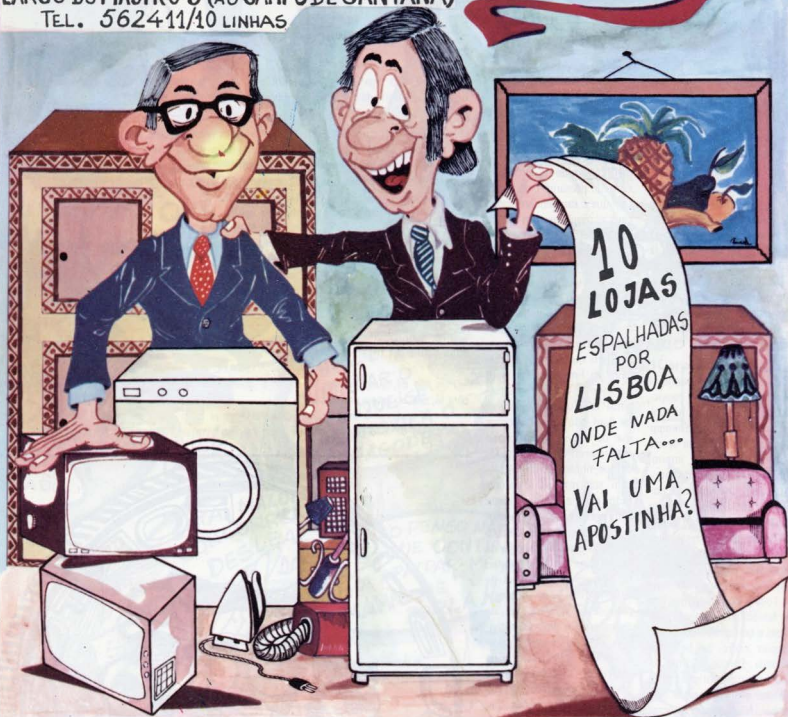


QUANDO É QUE EU SEREI A MOEDA?

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 5624-11/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”